

## **Aula 005 – A renovação da Aliança com o Senhor – Josué 5:1-15**

### **Josué – Capítulo 5**

Com o estabelecimento da autoridade de Josué e com os israelitas acampados a oeste de Jericó na terra prometida, a narrativa faz uma pausa para reafirmar o relacionamento de aliança entre Israel e Deus. Há a observância de duas cerimônias importantes: a circuncisão e a Páscoa. A palavra “aliança” não é mencionada explicitamente, mas quando Êxodo 12:48 é lida, a conexão é percebida. Embora a circuncisão fosse essencial para a celebração da Páscoa, a notável manifestação da bondade de Deus, conforme demonstrada na travessia do Jordão, não dependia exatamente do estado da nação, de ela estar ou não circuncidada. A insistência na observância da lei sob a Antiga Aliança, embora fosse, em sentido muito real, uma condição da aliança, não devia ser explicada nos termos de justificação pelas obras. O capítulo considera:

1. O temor dos inimigos de Israel diante dos atos poderosos de Deus;
2. Josué como o iniciador da aliança;
3. A circuncisão como uma identificação com as alianças de Abraão e do Sinai;
4. As cerimônias como uma separação do Egito e do deserto e uma identificação com a terra prometida de Canaã.

Os inimigos de Israel estão abalados de medo diante das notícias sobre o Deus de Israel e seus feitos; Josué age como líder do povo; como nação Israel une-se numa cerimônia aliançal que a prepara para a missão iminente. Finalmente, a terra de Canaã “dá as boas vindas” a Israel, ao fornecer-lhe seus frutos.

**1 Sucedeu que, ouvindo todos os reis dos amorreus que habitavam deste lado do Jordão, ao ocidente, e todos os reis dos cananeus que estavam ao pé do mar que o SENHOR tinha secado as águas do Jordão, de diante dos filhos de Israel, até que passamos, desmaiou-se lhes o coração, e não houve mais alento neles, por causa dos filhos de Israel.**

O relatório de como o Senhor secara as águas do Jordão chega a todos os reis dos amorreus do lado ocidental do Jordão, e todos os reis dos cananeus. Esse versículo está estreitamente ligado com 4.24, que prediz efeito semelhante e exprime novamente os sentimentos atribuídos a Raabe (2.10-11). Assim, destaca-se mais uma vez o aspecto milagroso da posse da Terra Prometida, embora chegará também o tempo em que o medo dos cananeus os disporá à hostilidade contra o povo de Deus. Aqui, os termos amorreus e cananeus são designações generalizadas para a população de Canaã residente no lado ocidental do Jordão; amorreus designa as tribos que viviam nas montanhas, e cananeus designa as tribos localizadas no litoral, à beira do mar Mediterrâneo. O efeito da travessia sobre os reis de Canaã foi “o coração deles esmoreceu” e a perda de espírito. No AT, o coração é a sede do intelecto, da vontade e da emoção. É o grande coletivo para as atividades espirituais do homem. Essa falência do coração resulta na perda de espírito ou de alento. Essa reação explica por que os cananeus não atacaram imediatamente e, desse modo, dá tempo para a circuncisão dos israelitas, um período de fraqueza quando estariam sujeitos à derrota (ver Gn 34).

**2 Naquele tempo, disse o SENHOR a Josué: Faze facas de pederneira e passa, de novo, a circuncidar os filhos de Israel.**

**3 Então, Josué fez para si facas de pederneira e circuncidou os filhos de Israel em Gibeate-Haralote.**

Mais uma ligação entre as vidas de Josué e Moisés é apresentada. Assim como Moisés antes de assumir a missão de libertador do povo foi avisado da necessidade de circuncidar um de seus filhos (Êx 4.24-26), também Josué recebe a ordem para circuncidar todos quantos não tinham ainda se submetido a esse rito. Essa ordem precede o seu papel como capitão do povo do Senhor durante a conquista.

Há um tempo entre a circuncisão em massa e a Páscoa, celebrada no décimo quarto dia do mês, não maior do que três dias. Os efeitos dolorosos da circuncisão ainda eram sentidos nesse momento (cf. Gn 34.24), mas não impediam a participação na celebração.

O Senhor determina que Josué faça facas de pederneira (ver Ex 4.25), o que pode refletir a antiguidade da cerimônia, remontando aos dias em que a pedra (lit. “pederneira”), mais do que o metal, era usada para cortar. O rito da circuncisão, citado em Deuteronômio 10:16 e 30:6, foi instituído como sinal da relação pactual de Israel com o Senhor (Gn 17.11). A circuncisão consistia na remoção do prepúcio do menino israelita com oito dias de vida. Seu significado religioso é compreendido claramente já nos dias do AT.

Em cumprimento à ordem divina, Josué fez facas de pederneira e circuncidou os israelitas na Colina dos Prepúcios, cujo nome recebera tal nome nessa ocasião.

**4 Foi esta a razão por que Josué os circuncidou: todo o povo que tinha saído do Egito, os homens, todos os homens de guerra, eram já mortos no deserto, pelo caminho.**

O relato, agora, apresenta as razões dessa circuncisão em massa, lembrando que todo o povo deixando o Egito, ou seja, todos os homens em idade militar, tinha morrido no deserto no caminho para fora do Egito, em antecipação ao que seria explicado mais completamente nos versículos seguintes. O relato evoca a triste consequência da rebelião e desobediência (Nm 14.28-32). O tom dessa seção é de advertência e exortativo, o que não é motivo para se negar a sua originalidade nesse contexto.

Uma declaração de grande impacto afirma que o Senhor, que havia prometido por juramento dar aos seus pais uma terra fluindo leite e mel, é o mesmo que declara por juramento que não lhes deixaria ver a terra. Isso mostra a condicionalidade das promessas da aliança de Deus, condicionalidade que, em si, não conflita com o princípio da graça soberana.

O juramento de Deus aos pais está registrado em Gênesis 22:16-18. A ideia do remanescente é encontrada nas histórias do êxodo e da conquista.

**5 Porque todo o povo que saíra estava circuncidado, mas a nem um deles que nascera no deserto, pelo caminho, depois de terem saído do Egito, haviam circuncidado.**

Esses homens haviam sido circuncidados. De novo a ênfase recai sobre todo o povo que saíra. Todo povo daquela geração morrerá, mas, igualmente importante, todos eles haviam sido circuncidados. Israel ainda estava se formando, não tinha nenhum guerreiro incircunciso. Nenhum membro incircunciso da comunidade atravessou o mar Vermelho nem ficou no monte Sinai nem entrou em aliança com Deus. De forma que isso deve ser válido para a nova geração. Todos devem ser circuncidados. Entretanto, o versículo 5 contém um mas. O leitor fica sabendo que aqueles que nasceram depois de o povo sair do Egito não foram circuncidados.

**6 Porque quarenta anos andaram os filhos de Israel pelo deserto, até se acabar toda a gente dos homens de guerra que saíram do Egito, que não obedeceram à voz do SENHOR, aos quais o SENHOR tinha jurado que lhes não havia de deixar ver a terra que o SENHOR, sob juramento, prometeu dar a seus pais, terra que mana leite e mel.**

Aquela geração havia toda ela morrido; ninguém estava presente na travessia do Jordão, e, portanto, toda essa geração precisava ser circuncidada em Gilgal. Os israelitas, isto é, o primeiro grupo, por quarenta anos andaram pelo deserto. Isso faz lembrar o juízo de Deus sobre aquela geração por causa de sua incredulidade (Nm 14.33,34). Isso se confirma na oração adicional não obedeceram a voz do Senhor. Embora Números relembre muitos exemplos de desobediência, só a rebelião do capítulo 14 inclui tanto a desobediência quanto a peregrinação de 40 anos. A segunda metade do versículo 6 passa a deixar explícito este assunto. Ela conclui com uma regressão, afastando-se daquela geração e tratando da geração patriarcal. A eles e a seus descendentes Deus prometera a terra. Como a geração do êxodo falhara em entrar em Canaã, o texto observa que agora a nova geração liderada por Josué tinha a oportunidade de fazê-lo.

**7 Porém em seu lugar pôs a seus filhos; a estes Josué circuncidou, porquanto estavam incircuncisos, porque os não circuncidaram no caminho.**

**8 Tendo sido circuncidada toda a nação, ficaram no seu lugar no arraial, até que sararam.**

Como os pais quebraram a aliança, houve consequências:

1. Não obedeceram à voz do Senhor; é o oposto daquilo que o Senhor ordenou pela primeira vez aos israelitas na aliança que estabeleceram com ele no Sinai, a saber, que deviam “ouvir” ao Senhor (Dt 6.4)
2. Não receberam a promessa de que o Senhor sob juramento prometeu dar a seus pais; relembra a aliança que Deus fez em Gênesis 17. Ali ele ordenou a Abraão e a todos os seus descendentes que fossem circuncidados (v. 9-14), depois de lhes prometer, Dar-te-ei à tua descendência a terra das suas peregrinações, toda a terra de Canaã, em possessão perpétua.
3. Não haviam visto a terra que mana leite e mel. Descreve a abundância da produção do campo, tanto plantas comestíveis quanto animais. É particularmente apropriada para designar o lugar onde Israel iria inicialmente se instalar, com pomares para mel de tâmara e pastagens para rebanhos de bovinos e caprinos.

No início de sua entrada na terra, essa geração identificou-se com Abraão e seus descendentes, tanto com as obrigações, quanto com as promessas apresentadas na aliança de Deus com Abraão. Também se identificou com a aliança dada, por intermédio de Moisés, a todo Israel, mediante ouvir a Deus e “ver” a terra prometida de Canaã. A geração de Josué 5 tomou a si todas as responsabilidades da aliança mediante o símbolo da circuncisão. Por meio da circuncisão essa geração podia reivindicar as promessas de terra feitas por Deus a Abraão e seus descendentes. Os pais haviam morrido no deserto, é a vez dos filhos assumirem o papel. Mas antes tinham que ser aliançados / circuncidados. Os efeitos dolorosos da cerimônia (cf. Gn 34.25) obrigaram o povo a ficar no seu lugar por certo tempo.

**9 Disse mais o SENHOR a Josué: Hoje, removi de vós o opróbrio do Egito; pelo que o nome daquele lugar se chamou Gilgal até o dia de hoje.**

O Senhor declara: "Hoje removi de vocês a vergonha do Egito". A escravidão de Israel, rompida, em princípio, no êxodo, foi eliminada de maneira final e definitiva agora que o povo estava em segurança no lado de Canaã, não mais sujeito à vergonha de que Números 14.13-16 e Deuteronômio 9.27-28 falam. Presumivelmente o mesmo juízo repousava sobre a nova geração, foi mediante sua obediência à aliança, sua circuncisão, que esse juízo pôde ser removido da nação. Dessa forma Israel tinha, agora, permissão para herdar a terra de Canaã. Deus lutaria por Israel, não contra ele (contraste-se com Nm 14.40-45). O Novo Testamento incentiva a identificação com o povo de Deus mediante a participação na igreja. Efésios 2.11-22 analisa a circuncisão como um meio de entrada na comunidade da aliança do Antigo Testamento. Compara isso à morte de Cristo na cruz, a qual propicia o meio de fazer parte da comunidade da nova aliança de cristãos em seu sangue. Esse novo meio acaba com a velha divisão entre judeu e gentio e permite que ambos cheguem-se a Deus.

**10 Estando, pois, os filhos de Israel acampados em Gilgal, celebraram a Páscoa no dia catorze do mês, à tarde, nas campinas de Jericó.**

**11 Comeram do fruto da terra, no dia seguinte à Páscoa; pães asmos e cereais tostados comeram nesse mesmo dia.**

**12 No dia imediato, depois que comeram do produto da terra, cessou o maná, e não o tiveram mais os filhos de Israel; mas, naquele ano, comeram das novidades da terra de Canaã.**

A circuncisão era uma condição prévia indispensável para a participação na festa da Páscoa (Êx 12.48b). Estando os israelitas acampados em Gilgal, eles guardaram a Páscoa. Ela comemorava a passagem salvadora do anjo da destruição que viera para matar os primogênitos da terra do Egito. Essa Páscoa foi guardada no anoitecer do catorze do mês, no primeiro mês do ano (abibe). O local da celebração é denominado de planícies de Jericó. O período de peregrinação no deserto tinha definitivamente acabado. No dia seguinte à Páscoa, eles comeram do produto da terra, pão ásmo e cereal torrado, nesse mesmo dia. Conforme Levítico 23.6, a festa dos pães ásmos começava no décimo quinto dia do mês e durava sete dias. Antes que os primeiros frutos da colheita pudessem ser consumidos, o sacerdote devia dedicá-los (Lv 23.10-11, 14). Aqui não é apresentado nenhum relato absolutamente completo de todos os detalhes das celebrações. O interesse principal do autor era lançar luz sobre três desenvolvimentos significativos:

1. A celebração da Páscoa;
2. O ato de comer o produto de Canaã;
3. A cessação do maná, o qual havia sustentado os israelitas ao longo da peregrinação pelo deserto.

Ele pretende marcar assim o novo começo que estava acontecendo nesse momento. O versículo 12 acrescenta o fato importante da cessação do maná e, novamente de maneira mais detalhada, declara que os israelitas não tiveram mais o maná, mas comeram naquele ano do produto da terra de Canaã. A lição dada pelo maná (Dt 8.3) fora suficiente. A pedagogia de Deus poderia agora recorrer a outros meios, a saber, os da providência comum.

A nova colheita de Canaã só poderia ser comida depois que o sacerdote movesse um molho das primícias da colheita diante do Senhor, o que não impedia que o produto da colheita anterior fosse comido antes da realização dessa cerimônia. O pão asmo, também era prescrito durante a Páscoa, não apenas após a sua conclusão.

Para o cristão, a celebração pascal da ressurreição de Cristo assinala o evento Páscoa. Fé nessa obra de Cristo dá início a uma vida tão nova quanto aquela dos israelitas que celebravam a sua primeira Páscoa na terra prometida. Mas esta celebração não se restringe a uma vez por ano, como era o caso da Páscoa. Ao contrário, semana após semana os cristãos têm, em sua adoração, a oportunidade de se lembrarem da obra salvadora de Jesus Cristo (At 2.42-46; 20.17-36; I Co 11.17-34).

**13 Estando Josué ao pé de Jericó, levantou os olhos e olhou; eis que se achava em pé diante dele um homem que trazia na mão uma espada nua; chegou-se Josué a ele e disse-lhe: És tu dos nossos ou dos nossos adversários?**

O estranho confronto de 5.13-15 assemelha-se àquele entre Jacó e o homem de Deus em Peniel (Gn 32.22-32). Jacó se encontra com um mensageiro divino antes de enfrentar um conflito de vida ou morte, mas com Josué existe uma diferença significativa. Ao contrário de Jacó, Josué não luta nem entra em disputa com o mensageiro. Josué pergunta-lhe e reage conforme orientado. Existem duas razões para essa diferença:

1. Josué nunca está em dúvida nem é acusado, por Deus, de cometer algum erro, ao contrário de Jacó, que parece falível. Além disso, Jacó deseja o conflito iminente. Josué aceita-o, talvez até aguarde-o.
2. Josué aceita passivamente o mensageiro que aparece na descrição uma espada nua. Essa expressão ocorre em duas outras passagens bíblicas, referindo-se ao anjo que para Balaão e sua mula (Nm 22.23) e ao anjo que está pronto a executar o castigo por causa do censo ordenado por Davi (I Cr 21.16).

**14 Respondeu ele: Não; sou príncipe do exército do SENHOR e acabo de chegar. Então, Josué se prostrou com o rosto em terra, e o adorou, e disse-lhe: Que diz meu senhor ao seu servo?**

Em outras passagens o comandante de um exército é o general-comandante (Gn 21.22,32; 26.26; Jz 4.2,7; I Sm 12;9; 14.50; etc.). A personagem assume um papel de autoridade. Josué, como líder dos israelitas, acha-se numa posição comparável, mas reconhece a patente superior do estrangeiro. A preocupação não é, contudo, qual líder é mais importante, mas a disposição de Josué de aceitar a autoridade dessa pessoa e respeitar isso como um sinal divino.

**15 Respondeu o príncipe do exército do SENHOR a Josué: Descalça as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é santo. E fez Josué assim.**

Josué reage a essa solene apresentação com o mais profundo respeito. Ele inclinou-se até o chão [e] adorou. Embora o fato de Josué usar as palavras meu senhor indique reconhecimento de superioridade, tal tratamento está aquém da dignidade da deidade. No entanto, o impacto total da cena é tanto que indica uma presença sobre-humana. O visitante responde a Josué: “Acabei de chegar”, palavras que exigem a definição adicional de um objetivo: cheguei para fazer isso e aquilo.

Se ainda houvesse alguma dúvida quanto à natureza essencialmente sobre-humana dessa aparição misteriosa, o v. 15 a eliminaria, pois diz-se a Josué: Tire os sapatos dos pés, porque o lugar em que você pisa é terra santa. Moisés (Ex 3.5) e Josué passam por uma experiência idêntica. No AT, a santidade tem a sua base e origem em Deus. Coisas, lugares e pessoas só podem ser chamadas de santas na medida em que são separadas por Deus ou reivindicadas por ele. Josué foi conscientizado de que estava na presença de alguém maior do que o homem, cuja espada nua fala claramente de prontidão para o combate e cujo exército não é nada menos do que o do próprio Senhor. Que mais há para saber antes que comece a conquista iminente?

Três pontos sugerem que essa é uma manifestação da presença divina e, portanto, mais do que uma visitação angelical:

1. Josué adora a personagem, que por sua vez aceita a adoração. À luz das exigências da aliança de que se deve adorar somente ao Senhor (cf. Ex 20 e Dt 5—8), não pode haver dúvidas de quem é a personagem.
2. A santidade é, em toda a Bíblia, uma manifestação da presença divina.
3. Na continuação a narrativa do capítulo 6 funde a pessoa do comandante do exército do Senhor com o próprio Deus.